

## **A TECNOLOGIA SOCIAL DO MOVIMENTO SARAU FLOR DE PEQUI E AS ESTRATÉGIAS DE FORTALECIMENTO CULTURAL EM GOIÁS: relato de uma experiência (2024/2025)**

### **Yara Fonseca de Oliveira e Silva**

*Professora do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (PPGIELT/UEG)*

[yara.silva@ueg.br](mailto:yara.silva@ueg.br)

### **Maria José do Nascimento**

*Estudante de doutorado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (PPGIELT/UEG)*

[nmariaj@gmail.com](mailto:nmariaj@gmail.com)

### **Sonilda Aparecida de Fátima Santos**

*Estudante do Pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (PPGIELT/UEG)*

[sonilda1000@gmail.com](mailto:sonilda1000@gmail.com)

### **Carlos Eduardo Candido Pereira**

*Pós doutor em Educação Escolar na Universidade Nova de Lisboa (Portugal). Membro do Grupo GEPFORP – CNPq vinculado ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás - [candidounesp@gmail.com](mailto:candidounesp@gmail.com)*

**Resumo:** O presente artigo vinculado ao Grupo de Pesquisa Políticas Educacionais e Formação de Professores – GEPFORP do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (GEPFORP/CNPq/PPGIELT/UEG), analisa a experiência do Movimento Sarau Flor de Pequi e a descreve como uma tecnologia social e estratégica para o fortalecimento cultural. Intenta investigar a atuação do movimento na lacuna das políticas públicas e se baseia nos pressupostos teóricos que veem a cultura como um campo de transformação social (Freire) e um espaço para o (des)silenciamento da palavra (Benjamin e Gagnebin). A análise é complementada pela dimensão dos direitos culturais (Nunes) e sua garantia na legislação nacional por meio do Art. 215 da Constituição Federal (CF, 1998). Utilizou a metodologia qualitativa, baseada na análise documental e nas narrativas das organizadoras do Sarau, de novembro de 2024 a agosto de 2025. O estudo revela que o movimento se estabelece como um espaço de afeto e memória, sendo um laboratório de linguagens e um agente de transformação social. Considera-se que o movimento se utiliza da arte e da literatura para promover os direitos culturais e fortalecer a cidadania, mesmo que sua sustentabilidade ainda dependa de uma maior articulação com o poder público.

**Palavras-chave:** UEG, Direitos Culturais, Tecnologia Social.

**Abstract:** Abstract: This article, linked to the Research Group on Educational Policies and Teacher Training – GEPFORP of the Interdisciplinary Postgraduate Program in

Education, Language and Technologies at the State University of Goiás (GEPFORP/CNPq/PPGIELT/UEG), analyzes the experience of the Sarau Flor de Pequi Movement and describes it as a social and strategic technology for cultural strengthening. It aims to investigate the movement's role in filling the gaps in public policies and whether it is based on theoretical assumptions that view culture as a field of social transformation (Freire) and a space for the (de)silencing of the word (Benjamin and Gagnebin). The analysis is complemented by the dimension of cultural rights (Nunes) and their guarantee in national legislation through Article 215 of the Federal Constitution (CF, 1998). The study used a qualitative methodology, based on document analysis and the narratives of the organizers of the Sarau, from November 2024 to August 2025. The study reveals that the movement establishes itself as a space of affection and memory, being a laboratory of languages and an agent of social transformation. It is considered that the movement uses art and literature to promote cultural rights and strengthen citizenship, even though its sustainability still depends on greater articulation with public power.

**Keywords:** UEG, Cultural Rights, Social Technology.

## Introdução

O presente artigo vinculado ao Grupo de Pesquisa Políticas Educacionais e Formação de Professores e do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás (GEPFORP/CNPq/PPGIELT/UEG, apresenta uma análise da experiência do Movimento Sarau Flor de Pequi, situado na cidade de Goiânia, no estado de Goiás, e cuja compreensão se revela como uma tecnologia social no cenário cultural goiano.

O Sarau é uma proposta que tem se desenvolvido entre um grupo de professores e artistas que buscam articular elementos de diferentes campos artísticos como, literatura, música, circo, teatro e artes plásticas, reconfigurando-se em uma nova manifestação que dialoga, tanto com a modernidade, quanto com a cultura popular local.

Por ser um movimento itinerante, é vivenciado em diferentes espaços sociais, o que demonstra a forma como a cultura é um campo dinâmico e transversal, movendo-se e transformando-se ao entrar em contato com outros campos, como os políticos e os educativos. A proposta do Sarau, portanto, parte do pressuposto de que a cultura é um campo transversal e dinâmico manifestando-se em múltiplas dimensões: simbólica e cidadã e por meio de sua natureza interdisciplinar, promove o fortalecimento comunitário e os direitos culturais, atuando na lacuna deixada por políticas públicas formais.

A proposta metodológica do estudo é de natureza qualitativa e exploratória, concentra-se na apresentação das edições do Sarau realizadas entre novembro de 2024 e agosto de 2025. O estudo baseia-se na análise de documentos (atas, agendas de programação, redes sociais: Instagram, site oficial do Sarau e YouTube) das edições e exposições realizadas e das narrativas de membros da coordenação do movimento, capturadas do livro *Alinhavos de Lembranças* (Nascimento *et al.*, 2025), produzido e organizado pelo movimento.

Esse estudo permite demonstrar como o Sarau mobiliza diferentes públicos e ocupa diversos espaços, como o da Academia Feminina de Letras, da Câmara Municipal de Goiânia, das Igrejas, das Escolas de Educação Básica (incluindo a EJA) e das Instituições de Ensino Superior (IES). Isso evidencia seu papel na construção de sentidos, pertencimentos e na aproximação entre a produção artística e a sociedade. O

artigo está estruturado em três seções, a saber: fundamentação teórica, desenvolvimento do tema e as considerações finais.

## Fundamentação Teórica

A compreensão da experiência do Sarau Flor de Pequi pode ser demonstrada como um conjunto de referenciais teóricos que conectam cultura, política e sociedade, alinhado ao conceito de tecnologia social proposto por Fressatti Junior (2011, p. 7), o qual a define como “[...] produtos, técnicas ou metodologias replicáveis que promovem a resolução de problemas sociais e a inclusão”. Assim, o Sarau, ao criar uma metodologia de ação organizada e de mobilização que gera valor social, insere-se nessa categoria.

Nesse sentido, a arte é utilizada como ferramenta de transformação e empoderamento, adaptando-se a diferentes contextos e rompendo barreiras institucionais e espaciais. Canclini (1997), ao analisar a realidade latino-americana, defende que a hibridação é o processo sociopolítico mais característico das sociedades modernas. Para o autor o tradicional e o moderno, o local e o global, o erudito e o popular se misturam de maneira irreverente. Essa fusão de elementos é uma resposta à crise da modernidade e da representação e manifesta-se, evidentemente, na música, no cinema, na culinária e nas manifestações artísticas, em geral.

Além disso, a análise também se ampara na perspectiva de Paulo Freire (1987), para quem o conhecimento e a cultura são instrumentos de emancipação e de transformação. O pensamento do autor sobre conhecimento e cultura os define como ferramentas essenciais para a conscientização, a emancipação, que se efetiva por meio da transformação social e política. Desse modo, o Sarau Flor de Pequi, ao promover o debate sobre a “luta por existir” no livro *A Saga de João Antônio* (Nascimento, 2024) e ao valorizar a poesia feminina na Educação de Jovens e Adultos (EJA), utiliza a literatura como ferramenta pedagógica e política. A busca por “sentidos e pertencimentos” e a valorização de vozes historicamente marginalizadas alinham-se diretamente ao pensamento freiriano.

Da mesma forma, o conceito de culturas híbridas de Néstor García Canclini (2017) também é um fator preponderante para a análise. O autor afirma que, essa hibridação é uma resposta à própria crise das categorias que buscavam classificar a cultura em caixas estanques, como “erudita” ou “popular”. Canclini (2017, p.11), diz que a hibridação não é um processo de simples justaposição, mas de reconfiguração constituída de elementos de diferentes origens que são transformados em algo novo, que não pertence inteiramente a nenhum dos campos de origem. Assim, o Sarau Flor de Pequi, ao levar, por exemplo, o cordel para a Câmara Municipal ou o circo para a praça, não apenas mistura, mas ressignifica essas práticas, inserindo-as em um novo contexto social e simbólico.

Nessa perspectiva, a itinerância do Sarau é um ato fundamental de transversalidade cultural. O movimento não se estabelece em um único espaço, mas se move, dialogando com diferentes públicos e realidades. A presença em universidades, escolas de EJA ou Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) e outros espaços públicos ou não, demonstra que o Sarau não vê a cultura como um objeto estático, mas como um campo de circulação e troca. Essa mobilidade permite que as ações e experimentos do Sarau se contaminem e se enriqueçam com as especificidades de cada local, enquanto ao mesmo tempo, leva consigo a sua própria identidade, criando uma rede de conexões que transcende as fronteiras geográficas e sociais.

Nessa sintonia e a partir da perspectiva de Bourdieu (2011), a ocupação de espaços como a Câmara Municipal e a presença em Feiras e Bienais de livros e artes pelo Sarau Flor de Pequi não o torna um evento casual. Ao contrário, esses movimentos fazem parte de uma estratégia para acumular e legitimar capital simbólico. A Câmara Municipal, por exemplo, é um campo de poder político e institucional. Ao levar a arte para esse ambiente, o Sarau está, de certa forma, “sequestrando” o capital simbólico do local e associando-o ao seu próprio movimento. O mesmo ocorre com as Bienais e Feiras do livro e artes, que são espaços de consagração no campo artístico e literário. A simples presença nessas plataformas eleva o status do Sarau, conferindo-lhe reconhecimento e prestígio que, de outra forma, seriam difíceis de obter.

O Movimento Sarau Flor de Pequi desafia a hegemonia cultural ao levar a arte de base a espaços tradicionalmente ocupados por elites intelectuais e políticas. Ele age como um “agente subversivo” que busca democratizar o acesso ao capital cultural, mostrando que a produção artística e as narrativas do povo goiano têm valor e merecem reconhecimento. Esse processo não apenas fortalece o próprio movimento, mas também demonstra como as relações de poder no campo cultural são constantemente negociadas e contestadas, e a busca por legitimidade e reconhecimento é uma luta contínua. Diante disso, essa circulação de capital simbólico é, para Bourdieu (2011), uma ‘forma de disputa’

Esta mesma luta pela acumulação de capital simbólico é ainda mais acentuada por sua condição de movimento jovem, com menos de um ano de existência e em formação no cenário cultural de Goiânia. As já referidas ocupações da Câmara Municipal e a presença em Bienais não são apenas estratégias de validação, mas atos de autoafirmação e resistência em um campo cultural que tende a valorizar o que já está estabelecido. O Sarau, ao confrontar as instituições tradicionais, desafia as hierarquias existentes e busca criar um espaço de audição para vozes que historicamente foram marginalizadas no cenário artístico goiano.

Essa batalha contínua manifesta-se no esforço ininterrupto para conquistar público, patrocínio e reconhecimento, sem o respaldo de grandes instituições ou políticas públicas robustas. Cada nova edição do Sarau torna-se uma luta para manter o movimento vivo, demonstrando que a legitimidade não é dada, mas sim conquistada. A exemplo dessa afirmação, o relato de uma das organizadoras do movimento, narra esse exercício de forma contundente: “[...] a alegria e perseverança na busca por parcerias e voluntariado constituem ferramentas para estabelecer a continuidade das ações do Sarau. Assim, a chama nos mantém em movimento, e a adesão de novos parceiros continua em um fluxo para a manutenção do Sarau” (Ata nº 5. Goiânia/GO, 2025).

Dessa forma, a teoria de Bourdieu (2011) possibilita o entendimento de que, iniciativas como as do Sarau, podem tornar a arte uma ferramenta para um projeto político mais amplo, que possa tensionar a definição estabelecida do mapa cultural de Goiás, provando que o poder e o prestígio podem fluir de baixo para cima, a partir da mobilização popular e da apropriação afetiva de espaços públicos.

Essa condição também é explicitada nos estudos de Dudo (2009) ao focar na dimensão legal e constitucional dos direitos culturais. Nunes (2019) argumenta que a visibilidade e a articulação desses movimentos são importantes, uma vez que, atuam como agentes de demanda e mobilização e forçam o poder público e a sociedade a reconhecer e proteger as manifestações culturais frequentemente ignoradas ou marginalizadas.

Em outras palavras, o Sarau não apenas demonstra que é possível o exercício do direito à cultura, mas também se torna uma plataforma para exigir que o Estado cumpra seu papel de apoiar e incentivar a valorização da diversidade cultural, transformando a

garantia legal, em uma realidade social concreta. A sua atuação, portanto, demonstra que o direito à cultura não é apenas um conceito abstrato, como previsto no Art. 215 da Constituição Federal de 1988 (CF/88) que assegura o pleno acesso à cultura e ao direito de participar da vida cultural (Brasil, 1988), mas uma conquista contínua de movimentos sociais e culturais que lutam por seu reconhecimento e espaço.

Diante desse viés político, Rancière (2005) empreende a discussão sobre a interligação da arte e a política. Para o autor, a política não se limita às instituições de poder, mas emerge de uma “partilha do sensível”, um sistema de evidências que torna visível aquilo que era invisível. Assim, o Sarau, ao empreender a luta e na superação de figuras reais como a história da saga de João Antônio ou a poesia de mulheres como Goela e tantas Carolinas, “partilha” a realidade desses grupos, inserindo-os no campo da visibilidade pública e reconfigurando o espaço político.

A arte, nesse sentido, não é o refúgio da política, mas, para Rancière (2005, p. 17), torna-se “[...] um ato de intervenção que redistribui papéis e lugares”. Essa afirmação interliga diretamente a estética e a política. O papel da arte em “reconfigurar” a partilha do sensível, ou seja, a arte, ao tornar visível o que é invisível e audível o que é inaudível, tem o poder de subverter as hierarquias e redistribuir os lugares e as identidades em uma comunidade. Assim, movimentos como o Sarau Flor de Pequi podem tornar-se catalizadores de questionamentos das hierarquias sociais e culturais e colaboram com a proposta de novas formas de relação entre a produção artística e a sociedade, demonstrando que a arte pode ser uma ferramenta que favorece a transformação social e a construção de uma cidadania cultural mais ampla e inclusiva.

## **Desenvolvimento do tema**

### **O Sarau Flor de Pequi**

A trajetória do Sarau Flor de Pequi, de novembro de 2024 a agosto de 2025, revela a consolidação progressiva de suas propostas. As edições analisadas evidenciam três contribuições específicas do movimento, intrinsecamente ligadas às percepções de suas organizadoras. O Sarau se constituiu como um espaço para o (des)silenciamento da palavra, no qual o trabalho artístico encontra sua máxima expressão.

Simultaneamente, o movimento concretiza-se como um refúgio cultural e afetivo. Nele, a partilha de narrativas resulta na tessitura de um intrincado e rico campo de significados (Gagnebin, 2006). Há força na palavra e na possibilidade do (des)silenciamento?

Conforme as narrativas das organizadoras do Movimento Sarau Flor de Pequi, as atividades realizadas materializam-se em utopias e resgatam a palavra, compreendida não somente como forma de comunicação, mas como um elemento vivo. Nas palavras de Maria José do Nascimento (2025, p. 10), o sarau é um “[...] baile leve e solto que ecoa”, um espaço onde o trabalho artístico encontra a sua máxima expressão. Essa visão é compartilhada por Leda Maria Romão (2025, p. 12), para quem a força da palavra “[...] pulsa em cada verso, melodia e imagem, celebrando a diversidade de vozes e a potência da arte como transformação”.

No livro “Alinhavos de Lembranças”, as organizadoras reforçam essa ideia, descrevendo a palavra como “[...] ouro, prata, pedra preciosa e a mina inteira” (Romão, 2025, p. 11), capaz de costurar memórias, traçar caminhos e romper as barreiras do silêncio. A autora, em sua poesia, “Alma de artesã”, utiliza a metáfora do tear para ilustrar esse processo, mostrando como a agulha e a linha tecem a vida: “A agulha, mestre de transformação / Em cada ponto, nova emoção” (Romão 2025, p. 12). Dessa forma, o Sarau Flor de Pequi apresenta-se como um movimento que transforma a palavra em um

ato de criação, dando sentido à existência e na possibilidade de concretizar utopias de uma cultura viva e participativa.

A imagem a seguir ilustra o processo criativo e transformador que materializa as palavras em narrativas poéticas, crônicas e contos, culminando na produção de livros. A obra evidencia as linhas que formam o cérebro e simbolizam o processo de criação, que é o resultado de um trabalho coletivo.



Figura 1. Cérebro alinhavado - Dalmo Antônio, 2025.

Fonte: <https://www.sarauflordepequi.com.br/>

Uma das organizadoras afirma que o Movimento Sarau Flor de Pequi é um “[...] celeiro de vozes que ousam vibrar nos ondulatórios do som refletidos” (Nascimento, 2025, p. 10). Porém, é pertinente questionar a natureza e o alcance desse “eco”. A afirmação evoca uma imagem de pujança e diversidade cultural, mas questiona-se: i) até que ponto esse celeiro é acessível a todos?; ii) O sarau, ao se propor a ser um espaço de (des)silenciamento, consegue realmente alcançar as vozes mais marginalizadas, ou sua reverberação se restringe a um grupo já integrado a círculos culturais?; iii) A metáfora dos “ondulatórios do som” sugere que a palavra, uma vez proferida, se propaga e alcança outros; seria essa uma situação possível?. Essas questões levam a outra indagação: a sociedade goiana está, de fato, preparada para receber e valorizar esse eco em sua plenitude, ou ele se perde em meio ao ruído de outras prioridades?

Nesta mesma direção, a autora Adriana Lino Manzan (2025, p. 13) reforça a visão de Romão, ao afirmar que o Sarau não se trata de balões da Capadócia, mas “é sobre sonhos”. A obra *Alinhavos de Lembranças*, segundo a autora, busca “resgatar o lugar da palavra num mundo repleto de tecnologias da comunicação, onde a palavra parece perder sua dimensão simbólica” (Manzan, 2025, p. 13). Para a autora, alinhavar as lembranças é um ato de não perder a dimensão coletiva, de estabelecer laços sociais: “guardar para não perder é registrar para não esquecer” (Manzan, 2025, p. 13). Assim, o Sarau, ao promover a circulação da palavra, atua como um espaço de congraçamento onde “as vozes goianas [...] ousam vibrar nos ondulatórios do som refletidos” (Romão, 2025, p. 13). Essa ação sugere que o sarau é um ato de resistência contra o apagamento e o esquecimento, tornando visíveis as histórias e as emoções que, de outra forma, poderiam perder-se no silêncio.

As ideias de Romão e Manzan, embora enalteçam a força do Sarau Flor de Pequi como um espaço de resgate da palavra e de fortalecimento de laços sociais, merecem reflexão mais aprofundada. Romão, ao apontar que o sarau revela um “celeiro de vozes” em Goiás, e Manzan, ao afirmar que ele busca resgatar a palavra em um mundo tecnológico, ambas apresentam um quadro de resistência e renovação cultural. No entanto, é fundamental questionar: a quem pertence, de fato, esse “celeiro”?

O sarau, como Tecnologia Social, consegue efetivamente alcançar e (des)silenciar as vozes mais vulneráveis e periféricas da sociedade goiana, ou opera majoritariamente dentro de um círculo já privilegiado e culturalmente engajado?

A crítica das autoras aponta para a “perda da dimensão simbólica” da palavra e levanta outra questão: qual o desafio de resgatar a palavra e democratizar o acesso aos espaços onde ela pode ecoar, transformando o “sonho” dos organizadores em uma realidade mais equitativa, inclusiva e justa para todos.

#### Identidade, comunidade e hibridismo cultural








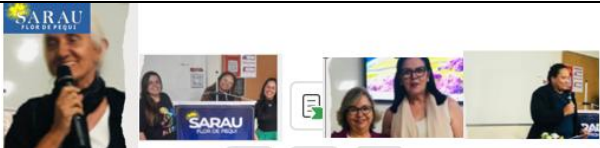

Os documentos do sarau evidenciaram que o movimento construiu uma rede de pertencimento baseada no afeto e na memória. A Ata do Sarau Flor de Pequi nº 1 (2024) relata que o público, em sua primeira edição, já interagiu com membros da Academia Feminina de Artes e Letras de Goiás, formalizando a relevância do movimento e posicionando-o como um elo entre o público geral e o cenário intelectual.

Essa interconexão reforça o caráter híbrido do sarau. A ata nº 8 apresenta a incorporação das ações do movimento em um laboratório de linguagens, apresentando as narrativas biográficas com futebol e poesia, circo com o cordel, artes (plásticas, dança, teatro e contação de história) com relatos de vida e expõe a capacidade de unir diferentes expressões artísticas e de misturar o erudito com o popular, o que leva a uma marca do Movimento.

Paralelamente, os eventos de lançamento da obra “Alinhavos de Lembranças” e as exposições que o acompanharam simbolizam essa costura de memórias e linguagens, rompendo as fronteiras entre o erudito e o popular e promovendo uma cultura acessível e dinâmica. Manzan (2025, p. 13) destaca que o “sonho de Zezé” (referindo-se a Maria José do Nascimento, também, uma das organizadora do ‘Movimento’) é, na verdade, um sonho coletivo, que “colocou todos os sonhos [...] os sonhos de quem aceitou sonhar com ela, junto com ela, e isso faz dessa obra um grande sonho”. A metáfora dos balões da Capadócia ilustra como as narrativas e os poemas “sobrevoam [...] para colorir as lembranças e imprimir novos sonhos aos corações” (Manzan, 2025, p. 13). A afirmação da autora parece solidificar a identidade do Movimento como um espaço de encontro e resistência.

Na sequência, é apresentado Quadro 1 com uma seleção de imagens que documentam a trajetória do Sarau Flor de Pequi no período de novembro de 2024 a agosto de 2025. As imagens retratam a memória das nove edições do movimento, realizadas nas cidades de Goiânia, Aragoiânia, Itapuranga e Santa Terezinha de Goiás. O acervo foi compilado do documento ‘Portfólio do Movimento Sarau Flor de Pequi - PMSFP (2024/2025)’ e de suas plataformas digitais, incluindo Instagram, site e YouTube.

Quadro 1. Edições do Movimento Sarau Flor de Pequi (1ª a 9ª edição)

Edição/Data	Imagem	Local
1ª Edição Página 4, 20 de novembro de 2024		Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás/AFLAG-Goiânia/Goiás
2ª Edição Página 5, 03 de dezembro de 2024		Aragoiânia/GO
3ª Edição Página 6, 12 de dezembro de 2024		Câmara Municipal da Cidade de Goiânia/Goiás
4ª Edição Página 7, 16 de fevereiro de 2025		Restaurante Tilápia na Brasa-Goiânia/GO
5ª Edição Página 8 20 de março de 2025		Escola M. Professor Professor Moacir Monclair Brandão – Goiânia-Goiás
6ª Edição Página 8 20 de abril de 2024		Itapuranga/GO
7ª Edição Página 9 16 de maio de 2025		Santa Terezinha de Goiás- Faculdade Dinâmica – Facdim
8ª Edição Página 10 20 de maio de 2025		Centro Universitário UNIALFA
9ª Edição Página 20 28 de junho de 2025		Largo Nova Esperança- Itapuã-Salvador/BA

Fonte: PMSFP/2024/2025

Ao longo das nove edições, o Movimento Sarau Flor de Pequi consolidou-se como um espaço dinâmico de integração cultural, unindo diversas manifestações artísticas. Percebe-se que o Sarau promoveu um hibridismo entre diferentes linguagens, inaugurando a palavra em sua forma poética e narrativa, em diálogo com a dança contemporânea, a energia do hip hop e a plasticidade das artes visuais. Essa fusão de

elementos possibilitou a criação de um ambiente de experimentação e inovação, no qual cada edição se tornou uma plataforma de expressão e celebração da criatividade.

Essa diversidade artística criou fluidez e desafiou as fronteiras entre as artes. O mesmo aconteceu com as rodas de conversa, onde novos talentos e escritores experientes compartilharam suas vivências e inspirações, enriquecendo o diálogo e fortalecendo a comunidade literária. Além disso, a presença das artes plásticas, com obras em tinta a óleo, bordado, areia e giz pastel, transformou os espaços do sarau em galerias vivas, complementando a experiência auditiva e visual do público.

Percebe-se, portanto, que as ações do Sarau Flor de Pequi residem na capacidade de acolher e integrar as mais variadas formas de expressão. A proposta de hibridação não somente enriqueceu o conteúdo de cada evento, mas também refletiu a própria diversidade cultural de Goiás. A interação entre as diferentes atividades do ritmo do hip hop à delicadeza do bordado, da contação de histórias à exibição de telas, demonstra o compromisso do movimento em ser um ponto de encontro e uma vitrine para a produção artística local. Ao transcender as barreiras disciplinares, o sarau parece tornar-se um catalisador de novas ideias e da valorização da arte em todas as suas manifestações.

### **Impacto social e político**

O impacto social e político do Sarau se alinha à visão de suas organizadoras de que as “[...] histórias compartilhadas se transformam em pontes, unindo corações e mentes em uma teia de significados” (Manzan, 2025, p. 13). Esse fato, revelado na natureza itinerante com edições em diferentes cidades, estados e países e demonstra um compromisso com a descentralização cultural. Ao ocupar espaços com simbolismo político, como as performances na Câmara Municipal, o sarau ressignifica esses ambientes, utilizando a arte como ferramenta de luta e resistência.

A atuação em instituições educacionais na capital, no interior e universidades consolida seu papel como projeto de extensão e educação, nutrindo talentos e promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico. O movimento configura-se, também, como uma política cultural de base que utiliza a arte para promover a cidadania e fortalecer o tecido social.

Esse compromisso com a educação e a cultura de base ganha uma nova dimensão quando o Sarau Flor de Pequi participar da 95.<sup>a</sup> Feira do Livro de Lisboa e da 20.<sup>a</sup> Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro em 2025. A presença em espaços de projeção internacional não somente leva a voz e a cultura goiana para além das fronteiras estaduais, mas também insere a produção artística de base num circuito de grande prestígio. Essa exposição a públicos diversos e ‘qualificados’ fortalece o reconhecimento do trabalho, validando o Sarau como uma iniciativa cultural de relevância nacional e internacional. A presença em eventos tão significativos demonstra a capacidade do projeto de dialogar com diferentes realidades e públicos, expandindo a sua influência e a sua missão de democratizar o acesso à literatura e à arte.

Essa incursão em eventos de grande escala confirma a evolução do projeto, evidenciando que é mais do que uma simples participação: é a prova de que o movimento rompe as barreiras geográficas e sociais. O sarau, que nasceu da base, em escolas e comunidades de Goiás, agora se apresenta em palcos globais, provando que a arte popular consegue romper barreiras e se encontrar ao lado de nomes da literatura e da cultura internacional.

A incursão em circuitos de prestígio, como a 95.<sup>a</sup> Feira do Livro de Lisboa e a 20.<sup>a</sup> Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro (2025), demonstra a capacidade do movimento

de transcender as barreiras geográficas. Essa projeção internacional eleva o Sarau de uma iniciativa local a uma força cultural de relevância nacional e global. Essa conquista não é apenas uma vitória de visibilidade, mas um mecanismo de legitimação, provando que a tecnologia social e a produção artística originada na base goiana podem dialogar e se firmar ao lado de nomes da literatura e da cultura internacional, rompendo o ciclo de invisibilidade que afeta projetos comunitários. O Sarau, assim, afirma a arte como uma ferramenta potente para questionar hierarquias e fortalecer o tecido social, legitima a cultura brasileira, conecta pessoas e romper com o ciclo de invisibilidade que muitas vezes atinge projetos de base. A efetividade dessa participação pode ser observada na Figura 2.



Figura 2. Participação do Sarau Flor de Pequi em ventos nacionais e internacionais  
Fonte: <https://www.sarauflordepequi.com.br/>

Nesse contexto, surgem outros questionamentos necessários: Como essa Tecnologia Social pode ser replicada e adaptada para outras comunidades, indo além do círculo inicial de criadores? De que forma o movimento pode garantir que a resistência à “perda da dimensão simbólica” da palavra, apontada por Manzan, não se torne um nicho restrito, mas uma estratégia de Fortalecimento Cultural acessível a todos em Goiás? A existência/resistência do Sarau depende apenas do sonho de seus organizadores, ou é necessária uma articulação com políticas públicas e instituições se solidifique na cultura goiana?

Ao desprender-se das questões postas e com base nas contribuições específicas do Sarau, seria possível afirmar que o movimento pode ultrapassar a mera produção de eventos culturais. Sua breve história e trajetória demonstram a potência da sociedade civil em atuar como agente de transformação, utilizando a arte como ferramenta para construir identidades, fortalecer laços comunitários e ocupar espaços de poder e de

afeto. As narrativas das organizadoras solidificam essa visão, expressando que o Sarau é um ato de resistência contra o apagamento da palavra, um "baile leve e solto" onde os sonhos se alinham e os corações se conectam.

No entanto, mesmo com a reafirmação da dimensão humana e simbólica da cultura, é necessário refletir se há garantia de que essa experiência, enraizada na visão de suas criadoras, não se torne um evento isolado e dependente do esforço de poucos. O momento de perigo que espreita (Benjamim, 1996), centra-se na ausência de políticas públicas que solidifiquem seu futuro espaço na cultura goiana. Mesmo cientes dessa condição, as organizadoras seguem no entendimento de que desafio deste experimento seja, não somente, celebrar a arte, mas utilizá-la como um meio que reforce a dimensão humana e simbólica da cultura, questionando hierarquias sociais e culturais e fortalecendo seu papel crítico na construção de uma cidadania mais ampla, justa e engajada.

### **Considerações Finais**

O Movimento Sarau Flor de Pequi emerge como um caso paradigmático de tecnologia social no Cerrado Goiano, (re)confirmando sua relevância na promoção e fortalecimento cultural da região. A análise aprofundada de seu percurso, embasada em documentos e nas vozes de suas organizadoras, estabeleceu o Sarau como uma resposta eficaz e inovadora à inação das políticas públicas, atuando diretamente na garantia dos direitos culturais. A partir das categorias de Identidade e Comunidade, Hibridismo Cultural e Impacto Social e Político, confirmou-se que o movimento transcende o mero evento, firmando-se como um espaço de afeto e memória, um laboratório de linguagens artísticas e um palco fundamental para o exercício da cidadania.

O rigor metodológico deste estudo, que mesclou a solidez factual da análise documental com a dimensão simbólica e subjetiva das narrativas, foi crucial para capturar a essência do Sarau. Essa abordagem mista revelou que o movimento é, fundamentalmente, um ato de (des)silenciamento da palavra, um eco do pensamento de autores como Benjamin (1996) e Gagnebin (2006). É nesse "baile leve e solto" que a arte se transforma em ferramenta para "alinhar sonhos e resgatar a dimensão simbólica da cultura" (Nascimento, et al., 2025). O Sarau, portanto, não apenas preenche uma lacuna operacional, mas resgata e vitaliza o tecido humano e cultural da comunidade.

Apesar de toda a potência demonstrada, a análise aponta para desafios cruciais que determinarão o futuro e a universalização de seu impacto. O primeiro e mais imediato é a sustentabilidade: é imperativo que o projeto encontre mecanismos para não depender exclusivamente do esforço de suas idealizadoras, garantindo sua perenidade. Além disso, a itinerância do movimento, que promove a necessária descentralização cultural, exige uma articulação urgente com políticas públicas consistentes. Somente assim será possível assegurar que o acesso e a produção cultural sejam direitos universais, e não mérito de iniciativas isoladas.

O Movimento Sarau Flor de Pequi, em sua ascensão midiática e territorial, demonstrou ser uma força de transformação e emancipação. Contudo, para que essa potência se converta em justiça social duradoura, ele deve encarar o desafio final: a institucionalização. Essa consolidação, embora possa gerar resistência por parte de suas organizadoras, é o passo necessário para que a proposta se perpetue e sua influência possa se disseminar para além do Cerrado Goiano, transcendendo o ativismo cultural para se firmar como um pilar institucional de fortalecimento social e cultural em todo o Cerrado brasileiro.

## Referenciais Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. 7. ed. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996. v.1, p. 222-232.

BOTTON, Sérgio Roberto. **Políticas Culturais no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2012.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. Tradução de Sérgio Miceli et al. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

CANCLINI, Néstor García. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Rega. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2017.

DUDO, Luciana. **A cultura como direito fundamental**. Curitiba: Juruá, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FRESSATTI JUNIOR, Carlos. **Tecnologias sociais: uma abordagem crítica**. 2011. Monografia (Especialização em Gestão de Projetos) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Os prelúdios de Paul Ricœur. *In*: GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: H34, 2006. p. 179-192.

NASCIMENTO, Dalmo Antônio. **Cérebro alinhavado**, 2025. Disponível em: <https://www.sarauflordepequi.com.br/> Acesso em: 05/09/2025

NASCIMENTO, Maria José; ROMÃO, Leda Maria; MANZAN, Adriana Lino; NASCIMENTO, Dalmo Antônio. **Alinhavos de Lembranças**. São Paulo: Literando, 2025.

NASCIMENTO, Maria José. **A Saga de João Antônio em Goiás: do futebol arte a luta por existir**. São Paulo: Literando, 2024.

NUNES, João Paulo Pereira. **Direitos culturais**. São Paulo: Editora Atlas, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução de Mônica Costa Neto. São Paulo: Editora 34, 2005.

SARAU FLOR DE PEQUI. **Ata n. 1**. Goiânia, 23 nov. 2024.

SARAU FLOR DE PEQUI. **Ata n. 6**. Santa Terezinha de Goiás, 16 maio. 2025

SARAU FLOR DE PEQUI. **Ata n. 8**. Salvador, 28 jun. 2035.

SARAU FLOR DE PEQUI. **Portifólio**. Goiânia, 2025. Disponível em: <https://www.sarauflordepequi.com.br/> Acesso em: 05/09/2025 .